REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 744

30 DE AGOSTO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Peior que peste, diz-se d'aquillo de que se quer dizer mal.

Parece-nos exagêro.

Muito mansa vai ella no Porto, — um, dois casos por dia — e que enormes confusões tem produzido já, o que ella tem feito trabalhar os telegraphos, de que reboliços tem sido causa nas redacções dos jornaes, nos escriptorios de commercio, nos gabinetes dos ministros, nas salas de sessões das camaras!

O cordão sanitario em volta do Porto, aconselhado pela junta de saude, foi a pedra de maior escandalo, tendo pela demora na execução valido ao sr. José Luciano de Castro alguns cumprimentos pouco amaveis.

Apesar da importante manifestação de algumas centenas de commerciantes e industriaes, que no Porto se dirigiram á Camara Municipal e ao Governo Civil, as ordens foram dadas para que o cordão se estabelecesse.

Por essa occasião o sr. Pina Calado explicou os motivos porque havia pedido a exoneração do seu cargo e como depois achara que deviam ficar satisfeitos os peticionarios, visto ter-se providenciado por forma a que não faltassem na cidade os generos de alimentação nem deixasse de funccionar regularmente o commercio e a industria.

Alguns jornaes hespanhoes já haviam publicado a seguinte informação: «O nosso ministro, em Lisboa, telegraphou ao governo participando lhe que o presidente do conselho de ministros do reino visinho se negára a estabelecer o cordão sanitario ao redor do Porto, assumindo a responsabilidade d'essa decisão. Os representantes estrangeiros acreditados em Lisboa protestaram contra a resolução adoptada pelo chefe do governo portuguez.»

Commentando o facto, lia-se na *Epoca*: «As intrigas politicas venceram. Quando o governador do Porto já estava adoptando disposições para o isolamento da cidade, o governo teve medo dos motins e desistiu de estabelecer o cordão sanitario no Porto. O presidente do conselho de ministros assume a responsabilidade da medida. Se a epidemia se alastrar por Portugal e se propagar aos outros paizes, que responsabilidade pode ser exigida ao chefe do governo comparavel ao damno enorme que isso pode causar á humanidade?»

Como se vê, não havia outro remedio, e, apesar das reclamações dos negociantes, dos protestos da camara municipal, da demisão pedida pelo sr. Pina Calado e dos receios de maiores motins, o sr. presidente do conselho resolveu-se a pôr em pratica o que, ha muito, lhe fôra aconselhado pela junta consultiva de saude.

O desnorteamento tem sido grande e, por isso não admira que no primeiro acto da tragedia se tenham dado episodios ultra-comicos..

Sobreleva a todos o da commissão de senhoras de Espinho, que na estação esperava o sr. conselheiro Alpoim na sua passagem para Lisboa, e lhe pediu para que usasse de toda a sua influencia, afim de impedir o estabelecimento do cordão sanitario.

O sr. Alpoim com certeza lhe pareceu brincadeira ao principio; mas, por fim, discursou, e, como sempre, discursou bem.

Nem com coisas serias como esta é licito brincar.

Do Porto teem sahido milhares de pessoas, no tribunal do commercio teem sido protestadas bastantes letras, varias officinas teem fechado, algumas fabricas começaram a despedir operarios.

Podem as notas comicas accumular-se, o caso vai sendo, como se vê, gravissimo.

No resto da provincia e em Lisboa parece ser satisfactoria a salubridade, tendo sido desmentidos os boatos aterradores, que por vezes teem corrido.

O Dr. Ricardo Jorge, cujo nome era uma das glorias da sciencia em Portugal, tem ultimamente recebido as mais eloquentes provas de apreço, que

DR. FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAES SARMENTO

FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

boa compensação lhe devem ser aos pequeninos desgostos que lhe trouxeram a sua honradez inconcussa e lealdade, desde que a doença começou a manifestar-se e elle teve da sua apparição provas irrecusaveis.

Continuam em Lisboa as inspecções ás pessoas chegadas do Porto. Amiudam-se as visitas sanitarias. Os chefes dos diversos serviços municipaes reunem-se para tratarem do saneamento da cidade. Procuramos, como se vê, defender-nos.

A vigilancia deve ser constante. Lisboa está n'um estado de porcaria lastimoso. As ruas estão cheias de lixo, as sargetas exhalam um fedor insupportavel.

Quando foi dos boatos de cholera, ha annos, muito lucrámos no aceio. Faça-se agora outro tanto e mais uma vez se confirme o ditado francez — *A quelque chose malheur est bon.*

Não podemos dizer que surprezas nos reserva o futuro, mas é de esperar que, com as medidas que se forem tomando, façam completo fiasco os terroristas.

O futuro pertence a Deus, os homens só podem fazer calculos de probabilidades, e se estas ainda se equilibram, ou pouco menos, no caso mais falado, que é, sem duvida, entre nós, o da peste, outro tanto não succede em França com o grande caso do fim do seculo. A absolvição de Dreyfus parece quasi certa.

O Dr. Labori, quasi curado do ferimento, fez ao general Mercier um interrogatorio habilissimo, deixando-o completamente aturdido. Nada de positivo se tem provado contra o réo, cada vez mais sympathico a todos pelo martyrio que heroicamente soffreu e continúa soffrendo, embora mitigado pela esperança cada vez mais luminosa.

O *Figaro* publica uma carta do barão Resmani, que foi embaixador de Italia em Paris, em que se lêem estes periodos: — «Sinto que a morte está proxima. Não me intimida; mas tenho pena de morrer antes de ver proclamada a innocencia do infeliz Dreyfus.»

O tenente commandante da escolta que acompanhava Dreyfus da prisão militar ao tribunal, tendo-se recusado a fazer ao réo a continencia militar, foi condemnado a trinta dias de prisão. Dreyfus foi effectivamente reintegrado no seu antigo posto e são-lhe devidas todas as honras militares que, apenas como accusado, não perdeu. Mas o facto da condemnação do tenente não deixa de ser significativo.

É possivel que o julgamento dure ainda bastante tempo, devendo os debates, segundo se diz, demorarem alguns dias.

A agitação em França continua, exacerbada pela prisão de Sebastião Faure. Houve desordens no boulevard Magenta e nos arredores do Fort-Chabrol, tendo a multidão apedrejado a guarda republicana, que se viu obrigada a distribuir pranchadas, ferindo umas vinte pessoas.

Guérin continua com seus companheiros cercado no Fort-Chabrol. Parece fóra de duvida que receberam misteriosamente algumas provisões. Se assim foi, não é pela fome que tão depressa os hão de obrigar a entregar-se. No lixo que deitaram fóra encontraram-se muitos ossos de gallinha.

O caso lembra episodios dos romances fantasticos de Alexandre Dumas, o auctor famoso dos *Trez Mosqueteiros.*

E quando deixarmos de falar da peste e de Dreyfus, veremos vasio o sacco das noticias.

Lisboa somnolenta, esmorecida na athmosphera calida e suspirando pelo sol posto, hora a que desperta uma brisa mais fresca do norte, apenas abre o olho e um sorriso, quando lhe falam de surprezas para o inverno, do theatro lyrico, do circo, da Réjane que ha de vir para dezembro.

Das quatro ás seis da tarde os transways vão cheios de gente.

No Estoril abriu um novo club. É assim que se lhes chama agora. Concertos, esplendida illuminação, soirées, ceias... e mais uma ou outra coisa indifferente, de que se não fala, uns tapetes verdes, uns oleados com numeros...

Em Lisboa só está aberto todas as noites o theatro da Trindade, onde a companhia de Affonso Taveira continúa, com bellas casas, a dar espectaculos variados: *Ali á Preta, Ali Baba, Dragões d'El rei, Vinte e oito dias de Clarinha.*

Nas horas vagas vai-se lendo discripções de bailes, festas, pic-nics, por essas praias e thermas. Depois boceja-se e vira-se a gente para o outro lado, como S. Lourenço na grelha: — D'este lado já está assado.

E de cidade tamanha, nem mais uma nova sequer! Nem uma anedocta para acabar!...

Só se fosse como a d'aquelle homem que só sabia contar uma historia que mettia um tiro e que de repente dizia:

— Não ouviram agora um tiro?... A proposito de tiro...

Mas esta mesma é velha como a Sé.

João da Camara.

Dr. Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento

Ha dias li n'um jornal a seguinte participação telegraphica: «*Guimarães 9 — Falleceu o distincto archeologo Martins Sarmento. Esta noticia causou profunda sensação.*»

E depois de haver lido este despacho laconico, reflecti que vinha de morrer para a patria um benemerito consagrado legitimamente pelo trabalho util na mais ampla significação do termo.

O dr. Martins Sarmento nasceu em março de 1833, encetou os seus estudos em 1841 e formou-se na faculdade de direito dá nossa Universidade aos 20 annos.

«A 10 de julho de 1874, escreve um seu biographo, já então dedicando-se de coração aos estudos archeologicos, deu começo ás celebres explorações da Citania, no monte de S. Romão, na freguezia de Santo Estevão de Briteiros, d'este concelho, *(o de Guimarães)* e, em 1877, alargou esses trabalhos até ao monte fronteiro denominado de Sabroso, ruinas e vestigios pre-historicos, que foram visitados no 1.º de outubro de 1880 pelos sabios estrangeiros e nacionaes que celebraram o congresso anthropologico, inaugurado em Lisboa a 20 de setembro d'esse anno.»

Por essa occasião foi-lhe rendida n'um titulo honrosissimo uma brilhante e calorosa homenagem de justiça assignada por muitos congressistas eminentes.

Elle poderia ter dito como disse Barthélemy a proposito das medalhas do seu gabinete numismatico no seculo passado: «Se os meus successos me procuraram gosos agradaveis, por outro lado, a inserção escrupulosa e minuciosa custou-me bastantes trabalhos.»

A verdade porém, é que sem fadigas e investigações arduas não póde conseguir-se um resultado seguro nas affirmações scientificas da Historia.

E a archeologia, conhecimento das antiguidades, fornece elementos preciosos que se tornam indispensaveis á satisfação plena do espirito na certeza dos factos.

Não é de sobra o escrupulo maximo nem a maior dose de paciencia para segurança completa de quem quer instruir-se e ennobrecimento perduravel do investigador laborioso.

Todo o cuidado é pouco, acrescendo ainda á contensão e recolhimento das faculdades de que não póde prescindir-se em archeologia, a despeza que é mister fazer em excavações e analyses e bem assim na acquisição de livros e de exemplares proprios a constituir elementos de comparação.

Quantos mais abundantes meios de fortuna possuir o archeologo e mais vasta instrucção geral em alliança com um criterio sisudo não sujeito a precipitações faceis, tanto mais longe avançará no seu caminho de descobertas e de conquistas pacificas e gloriosas para a sciencia «mestra da vida» e melhor logrará accentuar no espirito dos contemporaneos o valor real das suas opiniões e a legitimidade do fundamento em que assentaram.

E não ficam só por ahi os titulos de respeito e de consideração pela pessoa do archeologo; transmitem-se ás idades futuras, insculpem-lhe o nome na aureola rutilante da fama, são fonte inexgotavel para os sabios.

O individuo que se chamou em Portugal, Francisco Martins de Gouveia Moraes Sarmento, cujas pálpebras estão agora cerradas para o mundo, attingiu deveras as proporções perfeitas no ideal acabado d'um verdadeiro archeologo.

Incansavel nas suas lucubrações aturadas, convicto na apostolisação do ramo dos conhecimentos para que se sentia impellido por affeição natural, apaixonado singularmente no amor de exploração e averiguação esmerilhada, elle deu generosamente ao seu paiz um esforço frugifero na causa do progresso e uma prova monumental de grandeza d'alma.

Ao noticiarem o seu fallecimento, referiram-se differentes jornaes ás suas disposições testamentarias.

Vou extrahir para aqui, d'uma correspondencia de Guimarães, inserta no *Diario de Noticias,* n.º 12:095, de sexta feira 11 d'agosto, uma passagem typica d'aquelle referido instrumento das ultimas vontades do finado.

É relativa á sociedade que se honra e orgulha pela adopção do seu nome, dizendo assim o auctor do escripto a que alludo: «lega-lhe parte do monte S. Romão, freguezia de Briteiros onde estão as ruinas da Citania e todos os aparelhos photographicos e clichés da Citania e Sabroso, a sua bibliotheca que é importante; a quinta do Carvalho, freguezia do Salvador de Briteiros para assegurar a conservação e continuação das excavações da Citania e outros monumentos archeologicos. Lega mais o seu palacete do Largo do Carmo para estabelecer qualquer instituição de harmonia com os seus fins»

Traduz-se n'estas linhas um caracter elevado, que previne possiveis eventualidades de intermittencia para além da sua morte na ordem de trabalhos que mais o preoccuparam, habilitando os estudiosos ao proseguimento tranquillo em materia tão predilecta ao seu espirito.

Louvor lhe seja dado perennalmente na patria portugueza! a sua memoria é digna de transpôr os áditos da eternidade! os serviços que elle prestou em prol da verdade historica são de molde a resistir a todas as velleidade da critica e a todas as tempestades do tempo!

Elle bem entendia que «Les monuments aussi, conforme escreveu Ampére na introducção da *Historia romana em Roma*, soit encore présents par leurs ruines, soit dont l'emplacement seul est connu, offrent à l'histoire des éclaircissements que rien ne saurait remplacer; ils parlent aux yeux ou à l'imagination, ils disent ce qui n'est aussi bien dit nulle part.»

O Dr. Martins Sarmento era impervio a sentimentos de malevolencia e foi indefesso no seu campo de observação.

A França soube apreciar-lhe os quilates superiores da excellencia tornando-o cavalleiro da *Legião d'Honra* de que, aliás, não consta que elle tivesse usado a respectiva insignia.

E ao passo que um governo estrangeiro demonstrou assim não lhe serem indifferentes os meritos pessoaes de um portuguez de nascimento illustre e de obras preclaras, olvidaram os governos da sua terra querida os testemunhos de deferencia que a justiça e o bom senso mandam conceder aos vultos gloriosos.

Não o seduzia por certo nem o envaideceria nunca a posse de veneras nacionaes, pois o Dr. Martins Sarmento não ignorava que n'este paiz occidental das praias lusitanas alcançam-se facilmente condecorações a troco d'um bandeamento eleitoral e de algumas duzias de libras em moeda equivalente; mas o que devia calar desagradavelmente no mais fundo da sua consciencia de homem honesto era a ingratidão dos seus compatriotas dirigentes.

Fallarão na posteridade pelo archeologo distinctissimo veneras de maior preço e condecorações mais puras: os seus livros, repletos de erudição e magnificos de ensinamento, *Os Luzitanos, Os Argonautas, Hora Maritima, Luzitanos, Ligures e Celtas*, etc., authenticam e alcandoram a sua physionomia moral nos fastos portuguezes do seculo XIX.

Comparada a sua figura typica e o seu busto sympathico e venerando com a prosapia extravagante de tantos mandões laminas na esphera das sciencias e de tantos pygmeus reptantes só levantados do chão em assumpto de politica de campanario, tomam corpo as linhas luminosas do seu perfil que permanecerá transcendendo espaços nas azas de immortal renome, emquanto a caterva dos inuteis e dos farçantes se fôr reduzindo a cadaver na putrefacção d'um papel de miserias e de lama.

O Dr. Martins Sarmento cultivou egualmente a poesia e deixou artigos numerosos em diversas revistas e em muitos jornaes.

Devo registar n'este ponto com o devido elogio a deliberação tomada pela camara municipal de Guimarães de substituir a denominação de *Largo do Carmo,* que tinha o local da residencia do fallecido pela de *Praça do Archeologo Francisco Sarmento.*

Em fim, resumirei tudo quanto houvesse ainda de dizer relativamente a Martins Sarmento, transcrevendo estas palavras que ácerca do duque de Luynes sahiram da penna de Vinet, já citado por mim nas paginas do Occidente: «Ame tendre et austère à la fois, il a su mener de front la vie morale et intellectuelle, ne les séparant point pour mieux les fortifier. Peu d'hommes se sont montrés dignes à ce point du respect universel, et plus à l'abri de ces écarts, de ces défaillances de moeurs qui diminuent tout, même le génie, et qui effeuillent ses couronnes. Comme un simple bourgeois d'autrefois, il a pratiqué les vertus tranquil-

les, et il s'est montré le plus fervent adorateur des religions de la famille et des dieux domestiques.»

Que o Céo pague á alma do finado archeologo Sarmento as injustiças da terra!

20 d'agosto de 1899.

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

MONT'ESTORIL

Publicamos hoje mais tres gravuras do Mont'Estoril essa estancia encantadora que de anno para anno vae sendo mais frequentada e povoada de elegantes construcções. como as que temos descripto a pag.as 134, 142 e 166 do presente volume.

As gravuras que hoje publicamos representam, a primeira: O *Chalet Montrose* edificado na avenida Trouville, no ponto mais elevado do monte, pelo que descobre um vastissimo panorama; deu o risco para este *chalet* o engenheiro sr. Teixeira Judice e foi mandado construir pelo sr. Thomaz Reynaldo, sendo hoje propriedade do sr. Kohn e habitado pelo sr. Weinstein. A segunda *A Villa Leonor* que pertenceu ao sr. Eduardo Moser e é hoje propriedade do sr. Osorio Seabra, que ampliou a construcção com a casa onde está o *Petit Hotel*; a Villa Leonor era das mais encantadoras vivendas do Mont'Estoril pela elegancia e arte com que o sr. Moser a tinha mobilado. A terceira é uma das primeiras construcções que ali se fizeram pertencente hoje aos herdeiros do engenheiro sr. Almeida Pinheiro, que fez obra vasta e elegante no que dispendeu uns setenta contos; actualmente está ali estabelecido o Casino Internacional, luxuosamente mobilado com moveis vindos do estrangeiro.

PATEO D'UMA CASA DE GRANADA

Ó formoso reino de Granada! Ó mysterioso ninho de tradicções poeticas, de jardins e romanzeiraes arabes. Quem desconhece tantos encantos que não busque vel-os?

No velho reino de Granada, onde as victorias de Navas de Tolosa, de Malaga, Baza, Guadix, Almeria, Almuñecar, Salobreña, e outras terras, lembram as porfiadas luctas contra o arabe, quantos vestigios não existem que a todo o instante lembram o imperio mahometano no reino granadino!

Os usos e os costumes tiram muito d'essas tradicções. Mas a architectura synthetisa tudo quanto do melhor da sua civilisação legaram ás Hespanhas os inimigos da Cruz.

Vêde, caro leitor, esse pateo de uma casa de Granada, que reproduzimos na nossa estampa, e dizei-nos se não é profundamente arabe e d'uma vista original, d'uma graça de linhas, d'uns requintes decorativos orientaes?

É no reino de Granada que está a Alhambra — tomae bem sentido — e a Alhambra é a cidade arabe na sua mais nobre, delicada e formosa synthese. Na capella dos reis está a cidade christã, no pantheon de S. Jeronymo a mansão dos heroes. Depois de ter divagado por aquelles phantasticos salões solitarios, de ter orado junto d'esses sepulchros, quem não tem sentimento em affastar-se do reino encantado que empunhou o sceptro no auge do seu antigo esplendor? As columnas de marmore que sustentam as arcadas dos pateos floridos vão já cahindo ao pezo do tempo e enterrando no pó os seus capiteis dourados.

Mas no reino de Granada triumphou ha seculos a Cruz, e o Propheta não mais ahi foi ouvido. Na feerica Alhambra ficou apenas a magnificencia dos monarchas granadinos, nos alcaçares os rudes costumes dos africanos, nas acequias a sabia administração dos governos, e nas palmas decorativas está bem expressa a origem oriental dos seus guerreiros.

Quatro seculos já passaram, e Granada, perdida pelos mussulmanos, conserva ainda vivos e nitidos os documentos da sua realeza e dos seus abencerragens.

Percorram-se as alamedas de Granada, palpem-se ruinas dos monumentos deixados por esse povo sobre que pezou um destino fatal; recorde-se na phantasia todo o passsado brilhante da sua formosa cidade, e dizei espontaneamente: Granada rainha pela tradicção e pela belleza.

POESIAS DE CAMÕES

Traduzidas em italiano por Prospero Peragallo

TEXTO PORTUGUEZ

MOTE ALHEIO

Se me d'esta terra for,
Eu vos levarei, amor.

Voltas

Se me for e vos deixar
(Ponho por caso que possa),
Est'alma minha, que é vossa,
Comvosco me ha de ficar:
Assi que, só por levar
A minh'alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal,
Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me,
O meu bem será maior,
Se vos levar, meu amor.

VERSÃO ITALIANA

MOTTO ALIENO

Se di qui men partirò,
Meco, o amor, ti porterò.

Sviluppi

Se al partir ti ho da lasciar
(Supponiam pure che il possa),
L'alma mia, che è già in tua possa,
A te unita dee restar:
E però, perchè ho a portar
L'alma mia, se partirò,
Meco, o amor, ti condurrò.

Qual mal puote maltrattarmi,
Che con te senta esser mal?
O qual bene esser può tal,
Senza te per allegrarmi?
Nessun mal puote annoiarmi,
E il ben mio sarà maggior,
Se con me ti avrò, o mio amor.

SONETO CASTELHANO DE CAMÕES

Orfeo enamorado que tenia
Por la perdida Ninfa, que buscaba
En el Orco implacable donde estaba,
Con la arpa y con la voz la enternecia.

La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quejaba;
Las penas de los otros ablandaba,
Y todas las de todos él sentia.

El son pudo obligar de tal manera,
Que, en dulce galardón de lo cantado,
Los infernales Reyes condolidos,

Le mandaron volver su compañera...
Y volvióla á perder el desdichado:
Con que fueron entrambos los perdidos!

VERSÃO ITALIANA DE PERAGALLO

Orfeo, che in suon dolcissimo piangea
La morte d'Euridice, che cercava
Nell'implacabil Orco, ove ella stava,
Coll'arpa e colla voce la molcea.

La ruota d'Ission non si muovea,
Nessun dei tormentati si lagnava;
Ci le pene di tutti mitigava,
Ma di tutti in suo cor le pene avea.

Ebbe l'arte del suon sì gran potere,
Che, in premio sol del suo canto divino,
Gli Dei d'Inferni, alfin mossi a pietate,

Gli dier la sua compagna a possidere...
Ma la perdette ancora Orfeo meschino:
Sicchè dei due le sorti fur spietate!

GUADALETE [1]

«Triunfará de vuestra Cruz
«La radiante media luna.

JUAN WENCESLAU MUSNÉ.

Guizot exprimiu em tres simples phrases um conceito profundo e historicamente certo ácêrca do papel social dos adoradores do propheta da Arabia na civilisação do mundo: «L'invasion des Arabes a un caractère particulier. L'esprit de conquête et l'esprit de prosélytisme y sont reunis. L'invasion est faite pour conquérir du territoire et pour répandre une foi.»

Depois do fallecimento de Mahomet, succedido no anno 632, seguiram-se-lhe immediatamente na auctoridade Abu-Bekre, Omar, Othman e Ali.

Homens educados na escola do propheta e dedicados incondicionalmente á sua pessoa, tomaram a peito quando elle já não existia continuar a obra de conversão dos povos e de propagação das doutrinas contidas no livro celeberrimo.

Ao tempo, apoiavam-se no vigor indomito de multidões fanatisadas que esperavam anciosamente a ordem dos seus chefes para chacinar com a cimitarra todos os renitentes no acatamento do Alcorão.

Logo marcharam exercitos de arabes, exaltados pela idéa da conquista e da consentanea diffusão dos versiculos famosos.

N'aquelle periodo enthusiastico de verdadeira loucura, baldou-se por toda a parte o esforço estrategico da resistencia ao impeto selvagem de soldados que nada temiam, sorrindo-lhes morrer ao serviço do propheta pela certeza da immortalidade nos jardins sempre viçosos em que libariam em taças de oiro servidas por feiticeiras mulheres o nectar delicioso da ventura eterna.

Assim embriagados de sensualidade pelos prazeres em perspectiva, e commandados na marcha por caudilhos da sua confiança, realisaram n'um praso d'annos relativamente curto a tomada de posse da Syria, da Persia do Egypto e da India.

Quando o general Amru se apoderou da cidade de Alexandria, no Egypto, havia concluido o primeiro quartel do seculo VII.

Mais tarde, os arabes avançaram pelo norte da Africa, sendo detidos pelas aguas do oceano Atlantico.

Conta-se que o guerreiro Akbah, contrariado nos seus intentos de levar mais longe o estandarte da meia-lua, insignia symbolica do imperio mahometano, pronunciou na praia estas palavras notaveis:

«Grande Deus! porque me atalham o passo estas ondas? eu quizera ir até aos reinos desconhecidos do occidente, annunciar que tu és o unico Deus, e que Mahomet é o teu propheta; eu quizera fazer passar pelo gume da minha espada todos esses rebeldes, que adoram outro deus, que não és tu.»

Estas expressões vehementes são de molde a reflectir em toda a nudez a indole sectaria dos proselytos do Alcorão.

Nos primeiros annos do seculo VIII Muza, governava na Africa pelo califa, titulo que se arrogaram os individuos que succederam a Mahomet no mando suprêmo. A Hespanha vinha mantida hierarquicamente na descendencia dos godos.

Foi então que teve logar a invasão dos arabes na peninsula iberica.

Assim como na vida dos homens, considerados isoladamente, occorrem factos não mais esquecidos por muito longa que ella seja, assim tambem, na existencia collectiva dos povos incidem acontecimentos de importancia extraordinaria, que permanecem indeleveis na memoria das gentes e ficam gravados nas paginas da Historia.

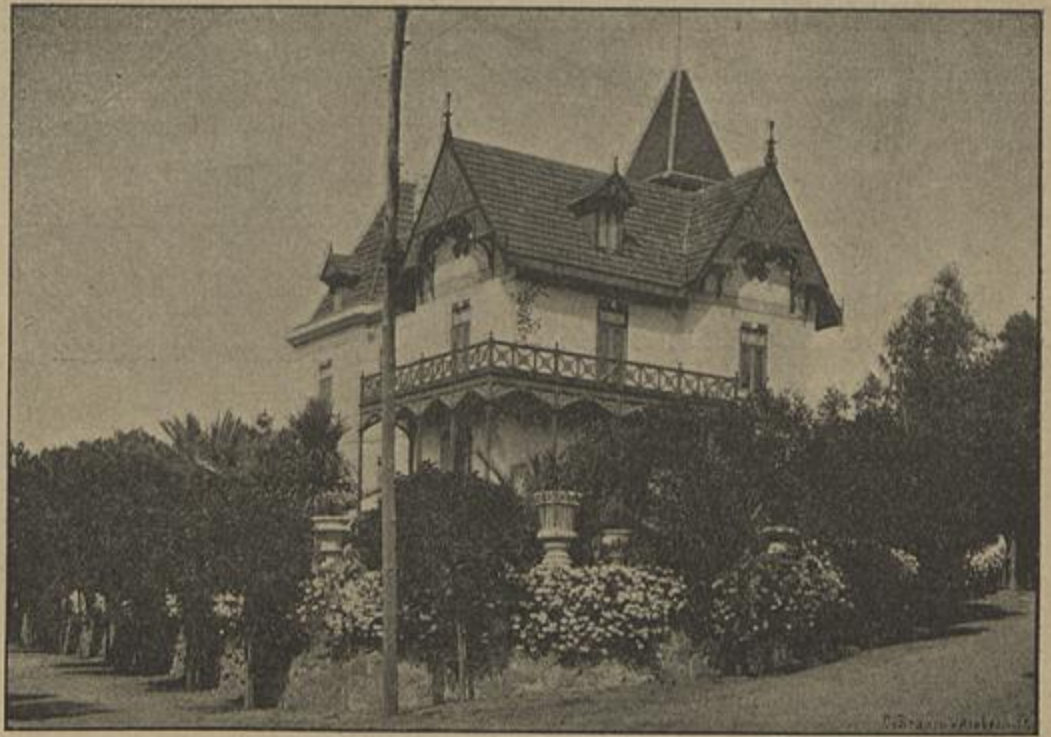
Participou da natureza d'estes ultimos a batalha sanguinolenta de Guadalete, peleja homerica que, rodados mais de dez seculos, inspirou nos nossos dias ao distincto poeta Espronceda versos d'esta contextura communicativa e vibrante:

[1] Os artigos intitulados *Arabia*, *Mahomet* e *Guadalete* fôram escriptos como complemento dos publicados aqui em 1897 sob o titulo *Na Iberia* e em 1898 *A Victoria de Carlos Martel*.

«Hombres con hombres con furor se estrellam
«Con golpes reciamente redoblados,
«Lo arrasam todo y todo lo atropellan,
«Hienden, rajan, destrozan irritados;
«Armas, muertos, caballos, carros huellan
«Con espantoso estruendo derribados;
«lelmos, picas, turbantes, sangre ardiente
«Envuelve el Guadalete juntamiente.»

Disse Rabbe no *Résumé de l'Histoire d'Espagne*, que: «Os historiadores não estão inteiramente d'acôrdo sobre as causas da invasão dos Moiros» e acrescentou em seguida que: «A critica severa dos modernos regeitou a historia da violação da filha do conde Julião por Rodrigo, ultimo rei dos Godos...»

Tambem eu commungo na mesma opinião, sendo certo como é na verdade, haverem militado motivos sobêjos de ordem politica, explicando de maneira suasoria o caso em questão.

Na seguinte passagem do fallecido professor Viale, acha-se, a meu vêr compendiada em resumo a sua razão proxima: «Occupava o throno D. Rodrigo, filho de um duque de Cordova a quem o rei Witiza mandara arrancar os olhos. Por desejo de vingança e espirito de ambição, tomara armas contra o tyranno Witiza; tinha-o vencido e havia usurpado a corôa. D'aqui se seguiram dissensões, desordens, anarchia. Os filhos e os adherentes do principe desenthronisado, e entre estes o conde Julião, governador da Tingitania *(Africa visi-gothica)*, chamaram os sarracenos em seu auxilio.»

MONT'ESTORIL — Chalet Montrose

MONT'ESTORIL — Villa Leonor

No numero dos descontentes deve incluir-se Oppas, que via na pessoa do monarcha um obstaculo sério á satisfação do seu desejo de sentar se na cadeira arcebispal de Toledo.

Muza, deu-se pressa no acolhimento de taes propostas e dos seus respectivos emissarios, ordenando a Taric-ben-Zeyad que passasse á Hespanha.

Era este, seu «logar-tenente» na Mauritania, e indicado pela sua bravura ao desempenho da missão que acabava de lhe ser confiada.

O valente general arabe, depois de se assenhorear de Calpe, fortificando se, internou-se de progresso em progresso no encalço do exercito godo para uma acção decisiva.

Por ter toda a auctoridade que merece um trabalho bebido nas proprias fontes dos escriptores arabes darei a palavra n'este ponto a De Marlès, que acompanhou Joseph Conde: «Les armées se trouvèrent en présence, dans la plaine que traverse le Guadalète, à deux lieues de Cadix, et près de la place où s'élève aujourd'hui Xerez de la Frontera.

Ce fut deux jours aprés la lune de ramazan. La bataille commença dés le point du jour, et elle se soutint jusqu' á la nuit avec des succés balancés. On continua le lendemain de se battre avec le même acharnement, jusqu' á ce que la nuit vint de nouveau séparer les combattans. Le troisiéme jour Taric s'aperçut que les Goths avaient quelque avantage, et que les Arabes, découragés par cette longue résistance, cédaient peu á peu le terrain. Aussitôt il parcourt les rangs, et s'adressant aux soldats: «Musulmans, leur dit-il, vous, les vainqueurs d'Almagreb, oú allez-vous, maintenant? Ne voyez-vous pas que la fuite vous méne à la mort? Devant vous est l'ennemi, derriére est la mer avec ses abimes. Il n'est pour vous de salut qu'en votre dieu. courage, d'espérance qu' en votre Musulmans! suivez mon exemple!» A ces mots il s'enfonce au milieu des chrétiens, les plus braves l'imitent: de son cimiterre il écarte tout ce qui s'oppose á son passage, il parvient jusqu' aux banniéres des Goths, et, reconnaissant Rodrigue aux marques de la royauté, il précipite vers lui son cheval, le frappe de sa lance, et le prive á la fois du trône et de la vie. Animés par leur général, les Arabes avaient fait les plus grands efforts, et déjá les Goths commencaient de plier, lorsque leur roi reçut le coup mortel. Dés ce moment la victoire cessa d'être incertaine; les Goths, enfoncés de toutes parts, couvrirent la terre de leucadavres; et les Arabes, se mettant á la poursuite des fuyards, en firent périr encore un grand nombre.»

O fatal recontro que teve por arena a bella Andaluzia e por medição do tempo o anno 711, foi um occaso de lucto e de lagrimas na hora derradeira d'uma civilisação secular e a deslumbrante alvorada para os triumphadores, nos novos dominios em que se implantava a lei de Mahomet.

A palavra Gibraltar que designa actualmente o estreito que liga o Mediterraneo ao Atlantico e separa a Hespanha do imperio marroquino, foi o

MONT'ESTORIL. — Casino Internacional

termo em que veio a parar nos cyclos dos annos a antiga denominação de *Gebal-Taric*, montanha de Taric, o qual, ao desembarcar outr'ora na Iberia, fez levantar trincheiras ao pé do monte de Calpe.

O mesmo nome tem egualmente a esplendida praça de guerra ingleza que substituiu as coisas do passado.

Taric, cujas victorias assignaladas, despertaram em Muza toda a ruindade propria do ciume cobarde, intrigado pelo emir junto do califa Walid, esteve em grave risco de acabar com labeo de infamia uma carreira militar de immenso brilho. Foi todavia o alliado do conde Julião e dos seus sequazes quem findou os dias da vida ralado de desgostos em parte incerta da Arabia, victima da crueldade ferina de Suleyman que succedera a Walid no califado de Damasco.

Deixemos porém de lado a noticia historica d'estes factos estranhos ás scenas passadas na nossa peninsula e que em nada influiram para o desenlace de Guadalete, bastante anterior a elles.

Os arabes nunca açambarcaram totalmente a Iberia, e bem posso repetir com Littré, nos *Estudos sobre os barbaros e a Idade Media*: «Pourtant l'Espagne ne fut jamais complétement aliénée; et il suffit de quelques fugitifs retirés en des lieux de difficile accés, pour disputer d'abord un coin de terre, puis une province, puis le pays tout entier.»

Os maus governos e o concomitante desenfreamento das paixões politicas, preparando a decadencia da monarchia goda, fôram os elementos de melhor alcance e de mais opima valia dentro do circuito dos invasores.

E se as forças que venceram em Guadalete houvessem tido á sua frente o proprio propheta resuscitado, muito outra teria sido a evolução no solo mais occidental da Europa e é provavel que não tivessem assomado no nimbo da Historia os nomes de Castella e de Portugal.

Mas velava pela Cruz a intelligencia summa do Ser soberano, proclamado por Mahomet em todas as linhas do Alcorão, e romperia das Asturias na bôca de Pelagio o grito retumbante da autonomia e independencia, que Fernando e Izabel seriam chamados a consolidar.

D. Francisco de Noronha.

PATEO DE UMA CASA DE GRANADA

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

(Continuado do numero anterior)

Debruçada sobre o cabaz, arredou com mão tremula o guardanapo, e removeu a camada de jornaes. E para ali jazia o Thomé, rigido, deitado de costas, com as patinhas cinzentas cruzadas no peito alvadio. Ao encarar com o defunto, sabe

Deus quanto lhe custou a reprimir um soluço! — O policia e o cocheiro inclinaram-se, viram o Thomé e deram-se por convencidos, plagiando assim um bemaventurado do mesmo nome.

O homemzinho ficou-se, até que, quando viu Mrs. Harvey installada no trem e fechar-se a porta, saltou para a almofada, e d'ali, debruçando-se para a vidraça da frente, replicou: essa cantiga da policia é obra já muito batida. Quer ir á estação, lá por isso nam seja a duvida, levo-a lá num rufo. Mas nam sei se sabe que está lá sempre um policia parado á porta, e s'a senhora se quizer fazer fina, e d'aqui até lá o negocio não ficar combinado, eu é que a entrego á policia, com o néné morto e tudo!

Proferida esta ameaça, tocou o cocheiro os cavallos, e o trem rodou de escantilhão pela rua abaixo.

A irritação de Mrs. Harvey subira a ponto que, antes mesmo que tivéra ensejo de retorquir a tamanha insolencia, mal o teria conseguido. A ira estrangulava-a! Por momentos, ficou até incapaz de pensar com coherencia. A' medida, porém, que se ia aproximando da estação, aclararam-se-lhe as ideias, e assentou proceder com energia. Estava mais do que convencida de que a ameaça do cocheiro era a valer; e que o modo unico de lhe impatar as vazas era andar-lhe adiante — isto é — reclamar ella a protecção de um policia. Era mais que provavel — bem o sabia — resultar de semelhante alvitre ir o negocio, escripto e escarrado, bailar aos jornaes; e, com os olhos do pensamento, via já até dansar na sua frente, afflictiva visão, titulos sensacionaes do teôr seguinte: — «Uma senhora e um gato morto.» — A esposa do cambista Harvey tenta sepultar um defunto felino — e assim por diante. — Via-se porem em transe desesperado, e o desespero impellia-a, não havia que recuar. Uma serie de azares inevitaveis collocára-a frente a frente com o demonio. Não havia outro remedio senão atirar-se a elle com unhas e dentes.

Parou o trem á porta da estação. A meia duzia de passos da entrada, perfilava-se um policia, com aquelle arzinho de aborrecido, tão especial aos da profissão.

O cocheiro desceu da almofada e chegou-se á porta do trem. Debruçou-se no postigo e, com a mão no feixo, perguntou:

— Atão, está ou não está pelo nosso ajuste?

— Pobre Mrs. Harvey! Foi como se lhe chegassem um fosforo! Como resposta unica, em voz estridula, bradou: Policia! O policia interrompeu a torcedéla das guias do bigode e, n'um apice, eil-o postado á porta do trem.

— Camarada! Este homem é muitissimo atrevido! disse. — Se não está doido, bebeu de mais!

— Faça favor de ter mão n'elle, emquanto eu desço do trem.

O cocheiro esperava tudo menos ver o feitiço virado assim contra o feiticeiro, no entanto, não tardou a cahir em si. — Esta sujeita leva um crianço morto ahi dentro d'esse cabaz — que lh'o digo eu! — por signal, qu'até me offereceu cem dollars se eu o quizesse interrar, com'o'outro que diz, á capucha! — Vai eu trouxe-a para aqui, pr'o camarada lhe botar a unha. — E é o que foi.

— Dentro d'este cabaz, o que eu levo é um gato morto — adduziu, em tom firme, Mrs. Harvey. — Quer que erga a tampa, para verificar?

— A modos que nam seria mau — replicou o policia, a quem o instincto profissional induzia a mirar com desconfiança cabazes com desusadas proporções.

Mrs. Harvey adquiriu dolorosa convicção de que se ia ajuntando um magôte, cujos membros a estavam espreitando por cima do hombro, quer do policia, quer do cocheiro, com assaz jovial curiosidade. Se n'aquelle mesmo instante se tivesse aberto o chão e a houvesse tragado, que satisfação para ella! Como, porém, não havia que esperar allivio cataclismico da referida especie, fez o que tinha a fazer.

— Você o que é, é uma grande cavalgadura — hade permittir que l'o diga, — disse polidamente o primeiro ao segundo.

— Não fui eu, foi ella quem teve a culpa, replicou o cocheiro em tom offendido. — Quem diabo se havéra de lembrar que uma senhora toda janóta havia d'andar a passear com um gato morto impandeirado!

— Por favor, veja se affasta essa gente e acompanhe-me até ao trem — implorou Mrs. Harvey em voz baixa. A sua mais cára ambição n'aquelle momento, éra ver-se, em fim, ao abrigo das paredes do proprio domicilio.

— Este pedaço d'asno — com edade de ter mais juizo, sujeitou-a a este incommodo; e, veja lá, se quer alguma coisa d'elle — vae d'aqui p'rá estação, em quanto o demo esfréga um ôlho. — Salto pr'á almofada e ála que se faz tarde!

— Nada — nada! atalhou Mrs. Harvey.

— Ajude-me a romper por entre esta malta — e acabou-se.

— Como queira — e já aqui não está quem falou. Hé lá? — toca a girar — vão tratar da sua vida.

A turba, cedendo á intimação arredou-se e abriu espaço, e, escoltada pelo policia, atencioso, que carregou com o cabaz, Mrs. Harvey atravessou o passeio e penetrou na estação. Quiz a sorte que estivesse um comboio a largar. D'ali a dois minutos ella lá ia levada, caminho de casa, com o cabaz — ataúde do Thomé — aos pés, entregue á agonia dos proprios pensamentos. Entre estes predominava um e vinha a sêr que, se alguem, em dias de sua vida, a tornasse a apanhar com outro gato morto, em caminho do arrabalde, ella se não chamasse Mrs. Harvey!

Davam seis horas quando chegou a casa. Avisada pela experiencia, concedera aos tranvias larga folga e, ao sahir da estação, metera-se n'um trem, ao cocheiro do qual não fez propostas referentes ás disposições funereas dos restos do Thomé.

Regressar a casa, posto que não cumprida a sua missão, e com o Thomé ainda, por assim dizer, em cima dos hombros, foi para ella grande allivio. Ali, ao menos, estava salva. Alimentára a fagueira esperança de encontrar já de volta Mr. Harvey, — pois estava anciosa por confiar a historia do seu desaire a quem mais podia sympathisar com a sua magua — se não quando, soffreu novo, que não menor, desapontamento ao encontrar um telegrama sobre a meza da sala de entrada, annunciando-lhe que o marido, detido pelo tal negocio do syndicato, só poderia estar de volta no trem da meia noite. Dava-se, porém, por tão feliz de se ver livre de semelhantes assados, e sã e a salvo das suas portas a dentro, que não desanimou com a decepção. E o facto é que o sentimento da tranquillidade e segurança lhe fez renascer a alegria.

Pareceu-lhe acção descaroavel deixar ali o Thomé toda a noite, quer na adéga quer no pateo. A despeito dos trabalhos em que a metera, queria-lhe ainda com ternura; e, mercê do affecto que lhe consagrava, resolveu que o falecido passaria a sua derradeira noite na sua habitual aposentadoria, isto é, no toucador da sobredita Mrs. Harvey, muito junto ao cestinho — cama que a sua innocencia havia occupado até ali durante as horas de repouso. Ficou, pois, assente este caso, e Mrs. Harvey sentou-se á meza com apetite — os trabalhos todos que passára tornaram-lhe imperiosa a ingestão de um pouco de alimento solido — e, assim que deram nove horas — cáso sem precedentes na sua vida, resolveu meter se na cama. — A excitação imposta aos seus nervos por aquelle dia tão aziago, deixára-a, por assim dizer, rendida; prostrada de todo. Sem embargo do seu estado, não deixou, porém, de lhe occorrêr que Mr. Harvey, ao regressar a casa quem sabe quando e lá por noite vélha, havia de vir com fome, e como confortativos, deixou-lhe de prevenção em cima do aparador uma garrafa de Xerês e um prato com biscoitos, nem lhe esqueceu a caixa de charutos, aberta, sobre a mêza do escriptorio, para se acaso lhe apetecesse tomar a sua fumaça, finda a refeição. Concluidos que foram tão zelosos apprestes, foi-se deitar e dormiu que nem pedra em poço. O ultimo pensamento de que têve consciencia dizia respeito a certa rigida figurinha, jazendo no quarto immediato; e, ao deslizar brandamente nos braços de morpheu, as lagrimas borbotavam-lhe n'aquelles olhos já meio adormecidos. Mrs. Harvey accordou estremunhada, e com um sentimento assaz curioso de que accordava com o fim unico de desempenhar immediatamente dever importantissimo.

A tal ponto a dominava este sentimento, que se encontrou fóra do leito e de chinellas, muito antes de que a razão ainda adormecida lhe afirmasse que não tinha dever urgente, qualquer que fosse, a cumprir. Que coisa tão exquisita, pensou de si para si. A um lado do seu toucador, uma luzinha de gaz tremeluzia no respectivo bico. Deu volta á torneira e consultou o relogio. Passáva um nadinha das três. E, lá fóra, chovia a cantaros. Estava, a este tempo, já acordada o bastante para perceber que o bom senso lhe aconselhava o meter-se na cama, outra vez. Concluiu, pois, que estivera sonhando.

Seguindo os dictames do bom senso, dispunha-se a apagar o gaz, eis se não quando, lhe vem ferir o olfacto um cheiro muito activo a tabaco de fumo. Esta circumstancia vinha esclarecer os factos. Mr. Harvey voltára para casa — comquanto a intrigasse um tanto como é que elle conseguira desenvencilhar-se tão cedo — e accordára-a com a bulha que fizera ao fechar o portão, despertando-lhe ao mesmo tempo na mente o sentimento de que tinha um dever a cumprir. O que era esse dever sabia-o ella agora de sobejo: vinha a ser descer ao escriptorio para o felicitar de ter conseguido despachar-se tão cêdo, e contar-lhe, em todo o socego, a historia do seu dia attribulado entrementes elle saboreava o seu havano. As cinco horas de sômno descançado haviam-lhe socegado os nervos; avaliava bem o prazer e a surpreza que a sua subita apparição não deixariam de certo de causar á sua outra metade; e a perspectiva de tão inconvencional *tête — á tête*, ás tres horas da manhã, com o seu marido, tinha um certo saborsinho de aventura que muito lhe realçava o bom humor.

Nas actuaes circumstancias não havia necessidade urgente de pensar em esmeros de toillette. Enfiou á pressa uma bata de cachemira azul, que merecêra ao senhor Harvey decisiva approvação. — Mrs. Harvey era pronunciadamente loira, abundantissimos os seus aureos cabellos, e o azul ficava-lhe a matar — não falando n'um par de chinellas turcas de marroquim azul, recamadas de prata, que assaz vantajosamente realçavam a brancura dos seus tão diminutos pésinhos. D'este modo ataviada, abriu de mansinho a porta do seu quarto de cama e, de mansinho tambem, deslisou pelos degráus da escada. Havia que evitar a bulha, o exito da sua empreza estava dependente da mais ou menos completa surpreza.

A residencia dos conjuges Harvey pertencia ao mais antiquado typo de construcções urbanas de Philadelphia, e era a mais commoda e conchegada que fôra até ali planeada em qualquer cidade. Na parte trazeira do edificio, assaz fundo, era situada a casa de jantar, á qual dava accesso um curto lanço de escada, partindo da sala grande da frente. Na rectaguarda d'esta, e fazendo verdadeiramente corpo commum quando, ao fundo, as largas portas de dobradiça se abriam de par em par, ficava o escriptorio. Para o primeiro, da parte fronteira do predio, subia-se, da casa de jantar, um lanço de poucos degráus. No aposento da frente, n este pavimento — o quarto de dormir de Mrs. Harvey — penetrava-se por extenso corredor que ia dar á referida escada; ao fundo, abrindo tambem para o corredor, ficava o quarto de vestir da mesma senhora, que servira outr'ora de alcova ao Thomé, e onde n'este momento jazia o defunto, dentro do cabaz de prata, envolto em camada de jornaes e repousando por *omnia seculæ*.

A' medida que Mrs. Harvey progredia, em biquinhos de pésinhos, ou antes, de chinellinhas turcas, os effluvios do tabaco de fumo iam sendo mais fórtes, e quando alcançou o patim do lanço de escada, viu atravez da porta da casa de jantar que estava aberto o gaz no escriptorio, ardendo a toda a força. Desceu a escada com a maxima cautela, rindo com gosto de si para si, ao pensar no grau de agradavel surpreza que ia causar a Mr. Harvey; d'ali a um ou dois minutos, assomou sem ruido á porta da casa de jantar. D'este ponto a vista percorria o escriptorio sem encontrar o minimo obstaculo. Elle lá estava, não havia que duvidar; pelo menos, um cotovelo e uma perna projectavam-se lateralmente dos contornos da commoda poltrôna á Voltaire que occupava e, deposto no chão, ao pé d'elle, o respectivo saquinho de viajem. — A julgar pelas apparencias, repimpava-se com toda a commodidade. Muito á mão sobre o buffete do escriptorio, a garrafa de xerês e um copo grande — e note-se que a Mrs. Harvey isto não deixou de fazer especie, o marido, tão rigoroso e niquento n'estas coisas, a beber xerês por um copo d'agua! — E, inconveniente apropinquação ao liquido confortativo, lá estava aberta a caixa dos charutos. Por cima de tudo pairava nuvem densa, signal manifesto de que estava entregue com ardor ás delicias do fumo do tabaco.

O plano de campanha da terna Mrs. Harvey consistia em ir pé ante-pé até ás costas da cadeira, e de subito, tapar ao conjuge os olhos com as lindas e alvas mãozinhas. Tão innocente brincadeira, anticipava a gentil senhora, fal-o-hia dar um pulo. E de si para si pensava, que rica partida não era o fazer com que elle desse um pulo.

A bata azul que a envolvia era de fazenda muito leve e como tal agitava-se sem ruido, e os pésinhos nas respectivas chinellas deslisavam tambem sem fazer bulha; favorecida por taes circumstancias, alcançou a méta sem ser presentida, e estava no acto de avançar as mãosinhas por cima das costas da cadeira, eis se não quando, fez uma descoberta deveras assustadora; a cabeça contra a qual se estava esgrimindo a sua estrategica não ostentava a densa melêna de cabêllos castanhos — qual a cerviz de Mr. Harvey — mas sim magra poupa de farripas pardacentas, emmoldurando com assaz de irregularidade o toutiço caréca! Mal que deu por tão subidamente desconcertadôras condições craneaes, naturalmente,

já se vê, recuou de sobresalto, soltando um «Ai!» expressivo de extrema perturbação e não menor surpreza.

O effeito produzido no occupante da cadeira pela revelação abrupta da presença d'ella foi impellil-o a dar um pulo egual em energia ao pulo que Mrs. Harvey anticipára impor á sua mascula metade, a situação, porém, estava agora tão radicalmente mudada, que Mrs. Harvey não achou nem sombras de graça a tão subitanea exaltação. O individuo, assim que se poz de pé, incarou rapido com ella, e proferiu com muita intimativa esse vocabulo saxonico indicativo do retiro do inimigo da humanidade, duplicando a interjeição com a laconica pergunta:

— Quem está ahi?

Por espaço de segundos, Mrs. Harvey e o individuo, silenciosos, contemplaram-se mutuamente por cima das costas da cadeira, qual dosdois mais surpreendido e assustado. O sugeito, percebendo que Mrs. Harvey de modo algum era pessoa de aspecto perigoso, foi o primeiro a recuperar a presença de espirito sufficiente para falar.

— Peço perdão, minha senhora, proferiu em tom affavel.

— Receio que a minha presença, aqui, a tenha sobresaltado. Sinto deveras, creia. Por quem é — queira sentar-se, e permittir-me que lhe offereça um copinho do seu excellente xerês: estou que lhe ha de fazer, bem.

O tom em que foram proferidas estas palavras era a tal ponto semelhante ao que se empréga no trato da sociedade pulida, e as palavras tão absolutamente as mesmas, que qualquer cavalheiro em identicas circumstancias dirigiria a uma dama, que Mrs. Harvey sentiu allivio instantaneo.

A presença d'este estrangeiro em sua casa a horas tão desusadas era caso, sem duvida, exquisito, das suas maneiras agradaveis, porém, do seu ar tão á vontade, concluia-se que a situação era susceptivel de ser explicada de modo satisfatorio e vulgar, até. A hypothese que naturalmente lhe accudiu ao espirito foi de que seria alguem mais ou menos directamente ligado com o syndicato e que Mr. Harvey trouxera em sua companhia para casa, e deixara temporariamente só no escriptorio, emquanto o mesmo Mr. Harvey fora lá abaixo á dispensa ao cofre da prata — em que costumava guardar papeis de valor — buscar qualquer documento referente ao negocio que trazia entre mãos. Socegada por semelhante supposição, acceitou com prazer a offerta do copinho de xerês. O chóque produzido pela circumstancia que, n'um dado momento, se lhe afigurára como perigosa descoberta, fizera com que se sentisse um tanto fraca.

— Muito obrigada, proferiu, e assentou-se. Hade encontrar um cópo sobre o aparador, ali dentro, no outro quarto.

Ergueu-se sollicito e com toda a delicadeza o nosso homem, foi buscar um calice ao aparador, encheu-o, e offereceu-o a Mrs. Harvey com gesto elegante. Emquanto elle atravessava o quarto, Mrs. Harvey teve excellente occasião de o observar, e o resultado da sua inspecção foi tornar a actual situação muito mais confusa ainda. Trazia uma farpélla muitissimo çafada, e com ar de nunca o ter sido menos; nem coisa que se parecesse com o trajo de pessoa fina. Alem de que, quando andava, os passos eram tão curiosamente vacillantes, que ella, sem querer, olhou para a garrafa. Era uma garrafa, de meza, grande, e ella, quando a collocára sobre o aparador, tivera o cuidado de a encher. E agora, apresentava, apenas, uma pinga no fundo. Em taes circumstancias, não admira que Mrs. Harvey de novo experimentasse sensação de susto.

Assim que lhe encheu o copo e lh'o offereceu, deitou o resto do xerês no proprio cópo grande, levou-o á bôcca, com cortezia, e disse: Minha senhora, tenho a honra de bebêr á sua saude!

(Continúa). *Pin-Sel.*

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

IV

— Com que então trabalha-se sempre? pergunta, por dizer qualquer coisa.

E, para esconder a atrapalhação, leva a mão ao bigode. Vamos, uhlano, abre o olho!

— Sempre, repete ella machinalmente, sem d'elle desfitar os olhos.

Depois, n'um repente, estendendo a mão e afastando os cinco dedos, como se com todos ao mesmo tempo quizesse apontar para elle, e dando uma gargalhada muito alegre:

— Mas .. deve ser o João!

Elle atrapalhado:

— Sim, este... sou eu, balbucia. Mas a senhora quem é?

— Eu?... Sou a mulher d'elle!

— O que... a... é a... é a mulher do Martinho?

E ella diz-lhe que sim com a cabeça, com um ar muito digno, emquanto no olhar lhe transparece a malicia.

— Mas parece uma menina!

— Não ha muito que o deixei de ser, responde a rir.

Cada qual de seu lado do vallado miram-se com curiosidade. Depois ella muito seria, com toda a cerimonia, limpa as mãos cheias de terra ao avental e estende-lh'as atravez a vedação.

— Bemvindo seja, meu cunhado!

Elle pega nas mãos que lhe estendem, mas fica-se calado.

— Estará o cunhado zangado comigo por acaso?

E a soslaio atira-lhe um olhar zombeteiro.

Sente-se o homem completamente desarmado diante d'elle e apenas se atreve a rir, dizendo com ar embaraçado:

— Zangado!... Qual!

— Parecia.

E erguendo o dedo ameaçador, accrescenta:

— Era de ver!...

Depois, escondendo o queixo no colarinho, deixa ouvir uma risadinha de troça.

— É divertida! diz-lhe elle com ar mais á vontade.

— Eu? divertida! Nunca fui!... Olhe, vá por ahi, que eu entretanto atravesso o jardim a correr e vou chamar o Martinho.

E já ia fugindo, quando de repente pára e põe um dedo na bocca.

— Espere, já passo para lá.

E antes que elle tivesse tempo de lhe estender a mão para ajudal-a, passou, viva como uma lagartixa, entre as ripas da vedação.

— Cá estou, disse, desfazendo com a mão as pregas da saia.

Atira para o pescoço o lenço que trazia atado á cabeça e os cabellos negros, frisados e revoltos, que lhe cahem em ondas sobre a testa e sobre a nuca, põem-se a esvoaçar ao vento, alegres por haverem reconquistado a liberdade.

O olhar do João fica-se espantado da belleza fresca e virginal d'aquella rapariga, que tem modos de criança ingenua e turbulenta. Elle dá com aquelle olhar, e corando levemente, atira para traz os doidos canudos, que não consegue domar.

Por instantes caminham calados, um ao lado do outro. Ella baixa os olhos e sorri, como presa tambem de timidez.

Entram pelo portal, sem haverem reatado o fio da conversação.

O João lançou um olhar em torno e deu um grito de espanto. Não acredita no que vê. Tudo em volta mudou, embellezou. O pateo redondo, que era d'antes um lamaçal quando chovia e, quando havia sol, uma cova d'onde subiam nuvens de poeira, está todo coberto de relva e parece um prado cheio de flôres. As portas do celleiro e das cocheiras brilham com uma bella côr castanha e teem numeros pintados de branco. Em meio do pateo ergue-se, coroando o taboleiro de relva, um pombal artisticamente construido que lembra um chalet da Suissa. Na frente da casa de habitação fizeram, ha pouco, uma varanda, em que brota uma floresta de cepas novas; os ramos promettedores de opulenta verdura crescem em volta das janellas scintillantes ao sol e das madeiras elegantemente esculpidas.

Surge-lhe o moinho aos olhos embriagados como asylo em que reinam a paz e a innocencia. Commovido, cruza as mãos e pergunta:

— Quem fez isto?

Ella ficou-se calada, deitando um olhar em volta.

— Foi...? pergunta, espantado.

— Ajudei, responde ella modestamente.

— Mas foi quem primeiro se lembrou?

E ella sorriu-se. Deu-lhe o sorriso um ar de mais edade, espalhando-lhe pelo rosto de criança uns encantos de mulher.

— É uma mão abençoada a sua, disse elle em voz baixa e timida, com mais gravidade que o costume.

Não póde deixar de lembrar-se da mãe defunta, que tanta vez se queixava da poeira insupportavel e tinha pena que não houvesse em todo o pateo um só logarzinho para descançar.

— Porque não havia ella de vêr isto? disse a meia voz na esteira do pensamento.

— A mãe...? perguntou Gertrudes.

E elle observa-a, espantado. Não disse: «*sua* mãe.» Ao principio dá-lhe aquillo que fazer; depois sente um sentimento de bem-estar indisivel, como nunca experimentou na vida. Espalha-se-lhe até ao coração um doce calor que já não quer desapparecer. Ha pois no mundo uma rapariga nova e linda, que fala da mãe d'elle como de sua propria; é como se achasse n'ella uma irmã, a irmã que tanto vez desejou nos annos loucos da infancia, quando o olhar fitava, com pasmo secreto, nas raparigas da aldeia.

E ella faz-lhe outra vez a mesma pergunta.

— Sim, a mãe, responde elle com um olhar de gratidão.

Gertrudes, durante um segundo, sustenta aquelle olhar, depois baixa os olhos e diz um pouco perturbada.

— Onde estará o Martinho?

— No moinho com certeza.

— Sim, provavelmente no moinho replica ella logo.

E afastando se ligeira, diz:

— Vou á procura d'elle.

Quasi machinalmente fica-se o João seguindo com os olhos o vulto d'aquella rapariga, que tão ligeira atravessa por sobre a relva. Tudo n'ella volita e adeja; as saias, as fitas do avental, o lenço do pescoço, o montão em desordem de seus cabellos revoltos.

Fica-se ali, um instante, immovel, como fascidado, segue-a com o olhar, depois sacode a rir a cabeça e dirige-se para a varanda. A primeira coisa que lhe dá na vista é uma mesinha elegante sobre a qual está um cesto de palha entrançada para costura. Do cesto sai um pedaço de bordado, uma comprida tira branca com folhas e flôres desenhadas, como as que as mulheres usam para guarnecer as roupas. Sem quasi dar por isso, pega na tira de panno e vai seguindo o trabalho complicado dos pontos, até que ouve novamente a voz risonha da cunhada. E logo, como um pequeno apanhado em flagrante, deixa cahir o bordado. A rapariga apparece á esquina da casa, arrastando comsigo, a rir muito, um homem atarracado, todo enfarinhado, que tenta, malgeiloso, livrar-se d'aquellas mãos pequeninas, que o veem puxando, e espalha em torno espessas nuvens de poeira branca. Mas aquelle homem é... pois é...

— Martinho, meu velho Martinho!

E o João corre para o caramanchel, vôa para os braços do irmão.

Os membros mal geitosos e atrapalhados param em seus movimentos; as sobrancelhas como moitos erguem-se; o sorriso tranquillo, de bom rapaz, coagula-se-lhe nos labios; o nosso homem sente um calafrio percorrer-lhe o corpo e, cambaleando, dá um passo atraz para logo correr ao encontro do filho querido que torna a vêr!

Sem palavra, os dois irmãos abraçam-se estreitamente. Depois, ao cabo d'um momento, o Martinho com as duas mãos pega na cabeça do filho prodigo, e franzindo o sobr'olho com ar sombrio, mordendo o beiço de baixo, fita, por muito tempo, em silencio, os olhos nos olhos brilhantes e risonhos do irmão.

Depois, senta-se no banco da varanda, e, com os cotovelos fincados nos joelhos, põe-se a olhar, fito para o chão.

— Em que scismas Martinho? pergunta-lhe o João com voz terna, pondo-lhe a mão sobre o hombro.

— Hein? E porque não hei de eu scismar? replica o outro, com aquelle grunhido surdo que lhe é peculiar e que sempre lhe acompanha os discursos laconicos... Ah! garoto! — E a boa gargalhada que o caracterisa em horas de bom humor illumina-lhe as feições grosseiramente lavradas. — Com que então houveste por bem zangar-te?...

Levanta-se e pegando na mão da mulher:

— Olha para elle, Gertrudes; o pateta quiz zangar-se!... Anda cá, meu garoto... É ella! Olha lá para ella!... Foi então com ella que te quizeste zangar, hein?

Deixa-se cahir tão pesadamente sobre o banco que uma outra nuvem de pó se ergue a andar á roda; levanta os olhos para o João, ri comsigo um segundo e por fim diz para a Gertrudes:

— Vai-me buscar uma escova.

Gertrudes, dá uma gargalhada e vai voando e a cantar. Logo que ella volta, brandindo o que lhe haviam pedido,

— Escova-o, diz-lhe elle com ar de commando.

— Quando moleiros e limpa-chaminés lhes dá para ternuras, é desgraça certa, diz o João a brincar, mas atrapalhado.

E faz menção de lhe tirar das mãos a escova.

— Queira deixar-me, diz ella a defender-se e

escondendo logo a escova debaixo do avental.
O Martinho dá umas punhadas na mesa.
— Queira deixar-me!... Olhem que casa esta! Pois ainda se não tratam como irmãos, hein?
O João fica-se calado e a Gertrudes escova-lhe as costas a toda a força.
— Aposto que ainda não trocaram um beijo?
A Gertrudes, ao ouvir tal, deixa cahir a escova. O João faz: «Hum!» e põe-se, aterefado, no ferro para a lama das botas que está defronte da porta, a fazer girar a roseta d'uma das esporas.
— Está claro que é preciso! Toca!
O João dá meia volta e começa a torcer os bigodes; espera sahir da fatal situação assumindo uns ares conquistadores, mas nem sequer tem animo para se inclinar para ella. Estacou, á espera que ella approxime sua bocca estendendo-lhe os labios; toca-lhes com os d'elle, tremulos, e sente um leve calafrio percorrer lhe o corpo.
Foi um instante. E ficam-se os dois, um ao lado do outro muito vermelhos, sorrindo timidamente.
O Martinho bate com os punhos nos joelhos, dizendo ter assistido a uma scena comica de arrebentar de riso. Depois bruscamente levanta-se e vai-se embora. Leva comsigo a felicidade para a solidão.

V

Á tarde, os dois irmãos vão juntos para o moinho. Gertrudes, á janella, segue-os com o olhar; o João volta-se, e ella sorri-se e esconde a cara detraz da cortina.
No limiar da porta, o João pára; encosta-se a um dos batentes e deita um olhar profundamente commovido para a penumbra da velha e querida casa, emquanto o barulho das rodas lhe chega ensurdecedor aos ouvidos e nuvens cinzentas de farinha, poeira de farelos e vapores da agua levados pelas correntes d'ar, lhe fustigam as faces.
Na frente d'elles alinham-se em seus competentes logares as differentes rodas do moinho. Á esquerda, encostadas ao muro, as velhas peneiras para a farinha fina, depois o pilão e a mó de triturar, que ainda deixa as semêas misturadas com a farinha, depois a mó de alimpar que descasca a cevada, e finalmente um cylindro de systema novo, que, durante a ausencia d'elle, veio juntar-se aos outros. Ha tambem um parafuso sem fim e um tubo ascensor. Assim o requerem as modas novas.
O Martinho com as mãos nas algibeiras das calças, socegado, satisfeito, remeche na bocca o seu cachimbo curto. Depois leva o João pela mão para lhe explicar os apparelhos novos; mostra-lhe a farinha muito fina apanhada pelo parafuso sem fim, passando pelo tubo ascensor, por onde umas tijellinhas ao longo d'uma correia circular a levam até ao segundo andar, quasi até ao espigão do telhado, para logo a deitarem nos tubos de seda cylindricos, pois que precisa atravessar em pó finissimo aquelle tecido apertado antes que deva servir.
Mal respirando, o João escuta, apanhando aqui ou ali as frazes raras que o irmão só pronuncia por fragmentos; e fica espantado de vêr até que ponto um homem póde embrutecer n'um regimento, porque tudo aquillo lhe parece hebraico.
O negocio vai ás mil maravilhas. Todas as mós trabalham e não teem mãos a medir os empregados do moinho, lá em cima deitando o grão nas tremonhas, cá em baixo vigiando a sahida da farinha e das semeas.
— Tenho cá trez, disse o Martinho apontando para os companheiros, brancos como neve, que, ora um ora outro, sobem ou descem de catrapuz pela escada.
— E o David ainda cá está? perguntou o João.
— Está claro, respondeu o Martinho fazendo uma careta.
Dir-se-hia que só a idéa de que o David houvesse de deixar o moinho o enchia de terror. O João pôz-se a rir.
— E onde está esse velhote?
— David! Ó David!
E a voz vibrante do Martinho retine pela casa, dominando o barulho das rodas.
Então, do canto escuro das maquinas, cuja massa gigantesca surge de baixo, de traz dos madeiramentos das rodas, avança lentamente um vulto comprido, vacillante, cheio de farinha dos pés á cabeça. Vê-se-lhe o rosto pallido em que só se lê aquella estupidez que os annos produzem, um nariz algum tanto vermelho que desce até ao queixo cheio de bocadinhos de palha; uns olhos sem brilho e desconfiados que se escondem sob uns supercilios arripiados, uma bocca que parece agitada por um mascar constante.

VISCONDE DE VILLA NOVA DE OUREM

Fallecido em 15 do corrente

— Que deseja, patrão? pergunta, parando entre os dois irmãos, sem tirar da bocca o cachimbo de gêsso que pende e baloiça entre os labios.
— Cá está elle! diz o Martinho batendo no hombro do velho, emquanto pelo rosto lhe passa um sorriso de terno respeito.
— Já me não conheces, David? diz-lhe o João estendendo-lhe a mão amigavelmente.
O velho deita para longe, por entre os dentes, um jacto de saliva escura, scisma um instante e rosna:
— Porque não havia de conhecel-o?
— E como vai isso?
O velho torna a scismar, coça a cabeça e diz:
— Pois como havia de ir?
Depois entretem-se a atar e a desatar nos dedos o cordel d'um saco de farinha, e, quando se convence de que mais nada querem d'elle, safa-se e desapparece lá no seu canto escuro.
O Martinho está radiante.
— Um coração dedicado! Ha vinte e oito annos que esta ao serviço da casa, hein? E sempre trabalhador, cumprindo fielmente o seu dever!
— Mas o que é que elle faz afinal?
O Martinho fica atrapalhado.
— Sim... bem vês... não se pode bem dizer. . É um logar de confiança... Um coração dedicado!
— E esse coração dedicado ainda, uma vez por outra, palma o seu bocado de farinha de dentro do sacco? pergunta o João a rir.
O Martinho encolhe os hombros com ar nada contente e murmura coisa parecida com: «Vinte e oito annos de casa»... «fechar os olhos.»
— Parece-me que o homem tem-me ainda atravessado, porque me atrevi a descobrir onde era que elle, como a marmota, escondia o que podia roubar.
— Tens essa espinha contra elle, rosna o Martinho; e a Gertrudes tambem... São injustos, cruelmente injustos!
O João, muito alegre, sacode a cabeça e apontando para uma porta que dá para um quarto, ha pouco arranjado com um tabique:
— E isto aqui o que é? pergunta.
O Martinho, atrapalhado, meneia a cabeça devagar.
— O meu escriptorio, balbucia por fim.
E como o João se dispuzesse para abrir a porta, precipita-se e pucha-o para traz pelas abas do casaco.
— Peço-te, não entres nunca aqui! Nem hoje... nunca! Tenho as minhas razões.
O João olha para elle desconfiado. Está quasi para lhe perguntar: «E desde quando tens segredos para mim?» mas o rogo que lê nos olhos francos do irmão tapa-lhe a bocca. E saem os dois do moinho de braço dado.

(Continúa).

NECROLOGIA

VISCONDE DE VILLA NOVA DE OUREM

Com 67 annos de edade, morreu no dia 15 de agosto, o general de divisão Elesbão José de Bettencourt Lapa, segundo visconde de Villa Nova de Ourem.
Tendo assentado praça em artilheria no anno de 1849, exerceu varias commissões importantes, até ao posto de general de brigada, passando então no posto immediato ao quadro auxiliar, por limite de edade.
Foi commandante do regimento n.º 4 de artilheria, governador de Diu e governador geral da India, lugar em que soffreu os maiores dissabores e lhe acarretou um sem numero de desgostos. Muita vez sollicitou, sem nunca ser attendido, que lhe fosse permittido publicar o seu relatorio ao governo. Estão na memoria de todos os casos gravissimos que se deram na India portugueza durante o governo do Visconde. Vivia elle por isso com tristeza profunda.
Era ultimamente governador do campo entrincheirado de Lisboa.
Fora agraciado com o habito da Conceição, habito, commenda e grande officialato de Aviz.
Excessivamente bondoso, contava numerosos amigos.
Paz á sua alma.

Recebemos e agradecemos:

Atravez de Santarem, por *João Arruda — Santarem — Imprensa Moderna — 1898*.
Notas d'um chronista é o sub-titulo explicativo do genero do livro que o auctor nos offerece, prefaciado pelo sr. Alberto Pimentel.
Santarem é um bom assumpto para quem souber aproveital-o e exploral-o devidamente. As suas lendas, as suas tradicções, os seus monumentos inspiram respeito e interesse, como elementos historicos que se não devem desprezar.
O nosso collega do *Correio da Extremadura* sr. João Arruda dedicou este seu livro a umas notas sobre a curiosa e antiga povoação, ajuntando-as sob o titulo de *Atravez de Santarem*.
Tem uma feição litteraria muito especial o auctor, certa originalidade no dizer, e uma observação sceptica incongruente com o assumpto, todo composto de tradicções muito respeitaveis, e que ao sr. Arruda não mereceram essa demonstração de apreço pelas cousas passadas.
O auctor demonstra talento e originalidade litteraria, mas como o assumpto não era proprio a ser tratado pela sua maneira, o livro não satisfaz os amantes e veneradores das cousas idas. Todavia, ápart e essa incongruencia de thema e estylo, *Atravez de Santarem* é livro interessante a mais de um respeito.
A edição é cuidada, fazendo honra á typographia de onde sahiu, e a capa apresenta uma miscellanea de diversos trechos caracteristicos e conhecidos da velha *Scalabis*.

Annnuario Estatistico de Portugal — *1892 — Imprensa Nacional — 1899*.
Com o preço de 800 réis foi posto á venda este volume do util e interessante *Annuario*, publicado pela Direcção geral da estatistica e dos proprios nacionaes, tendo sido os anteriores publicados pela extincta repartição de estatistica geral, do ministerio das obras publicas.
Embora difficuldades de ordem variada fizessem demorar muitissimo a sua coordenação e impressão, o presente *Annuario* é um livro de consulta muito importante, formando com os anteriores uma serie extensa de dados estatisticos interessantes.
Entre os dados novos que apresenta distinguem-se mappas relativos á pesca, movimento dos lyceus e dos hospitaes concelhios.